

PROPOSTA POR UMA HISTÓRIA DE RECEPÇÕES LITERÁRIAS NUM VIÉS CONSTRUTIVISTA

PROPOSAL FOR A HISTORY OF LITERARY RECEPTION THROUGH A CONSTRUCTIVIST PRISM

Amaury Garcia dos Santos Neto¹

Mestre em Letras

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

(amaury.garcia@gmail.com)

RESUMO: Neste artigo, procuro propor um adendo à proposta de Hans Robert Jauss de desenvolver uma historiografia da literatura baseada em recepções de textos literários. Jauss não aponta um instrumental muito concreto para definirmos um dos principais elementos em sua teoria, o horizonte de expectativas. Articulando a proposta de Jauss com pressupostos construtivistas e teorias sistêmicas utilizados na Ciência da Literatura Empírica defendida por Siegfried Schmidt, busco resolver este problema. Além disso, proponho novos pressupostos para ajudar a construção de histórias da literatura, que expandiriam a ideia original de Jauss. Minha proposta se enfoca na possibilidade de abarcar espaços específicos que formam leitores especializados. Para tal, me utilizo de certos pressupostos advogados pelos defensores da micro-história, para depois mostrar como tais pressupostos poderiam trazer uma série de ganhos aos historiadores da literatura.

Palavras-chave: Histórias da literatura; Recepção de textos literários; Horizonte de expectativas; Micro-história; Formação de leitor especializado

ABSTRACT: In this article, I propose an expansion to Hans Robert Jauss's proposal for a history of literature based on reader-response receptions of literary texts. Jauss does not present concretely how to define one of the most important elements in his theory, the horizon of expectations. I try to solve such problem by articulating Jauss's proposal with the constructivist principles and theories of systems used in the Empirical Science of Literature championed by Siegfried Schmidt. Besides, I propose new principles that would aid in the writing of histories of literature, which would also expand the original notion by Jauss. My proposal focuses on the possibility of approaching specific spaces that form specialised readers. In order to do such, I use certain principles advocated by the defenders of micro-history. After that, I show how such principles could bring a series of profitable results for the historians of literature.

Keywords: Histories of literature; Reader-response of literary texts; Horizon of expectation; Micro-history; Formation of specialised reader

Introdução

Em **A história da literatura como provocação à teoria literária**, Hans Robert Jauss propõe uma nova maneira para escrever histórias da literatura, diferente da tradicional, que organizava a literatura pelos chamados **estilos de época**. A organização tradicional produz um apagamento das heterogeneidades existentes numa mesma época, ao agrupar diferentes autores sob um dado estilo, atribuindo-lhes as mesmas características. Além disso, a historiografia tradicional

¹ Bolsista do CNPq

também dá pouca importância ao papel do leitor na construção de sentido de textos literários. A alternativa que Jauss propõe tem como ponto de partida o conceito do circuito comunicativo gerado entre texto e leitor para escrever a história da literatura.

Para Jauss, um dado texto nunca é uma entidade fixa, pois estabelece uma relação dialógica, cujos elementos são o próprio texto e o leitor. É importante lembrar que o leitor que o teórico alemão nos apresenta em suas teses não é um leitor individualizado ou fora de um contexto. Caso o fizesse, sua proposta perderia força, podendo ser acusada de subjetivismo. Se antecipando a isso, Jauss nos apresenta a ideia de um leitor socializado e historicamente contextualizado, leitor este que pode ser entendido como um grupo, que poderíamos chamar de público leitor².

Seguindo em sua proposta, o teórico explica que todo texto seria atualizado pelo leitor durante o processo de leitura. Esta atualização, por sua vez, é influenciada por experiências literárias, ou até mesmo pessoais, anteriormente vividas pelo leitor. Tais experiências literárias são internalizadas, gerando expectativas em relação a novos textos. A esse conjunto de experiências de leituras prévias e expectativas geradas sobre um texto Jauss chama de **horizonte de expectativas**. Para o teórico alemão, é justamente quando uma obra provoca uma ruptura deste horizonte que uma mudança é efetuada na história da literatura.

Tendo essa dinâmica em mente, Jauss propõe que a história da literatura seja entendida como a história de diferentes modos de recepção de textos literários, ou seja, diferentes leituras. A partir disso, ele define a história da literatura como “um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (JAUSS, 1996, p. 25).

Na definição acima descrita, Jauss aponta para uma relação dinâmica que tem, como participantes, não apenas o autor e o texto, mas também o público leitor e uma comunidade de críticos. Isso me faz pensar nos pressupostos construtivistas de Siegfried Schmidt, que vê a literatura como um sistema que produz ações comunicativas, ações estas que são entendidas por seus participantes como sendo de natureza literária. Nesta perspectiva o texto literário não é entendido

² A partir deste momento, quando utilizar o vocábulo leitor, mesmo no singular, me refiro a tal grupo, o público leitor.

simplesmente como um objeto previamente dado, mas como uma espécie de campo de potencialidades comunicativas. Estas potencialidades se tornam concretas justamente no processo de leitura. Porém, tal processo é influenciado por diversos fatores, como condicionamentos ideológicos, políticos, sociais, econômicos, históricos e culturais, apenas para citar alguns exemplos. Se levarmos em consideração a complexidade inerente a tal processo, como então poderíamos escrever a história da literatura a partir dos pressupostos oferecidos por Jauss?

Devo dizer, antes de tudo, que estaríamos cometendo um equívoco ao utilizar o artigo definido “a” diante do vocábulo “história”. Devemos utilizar o artigo indefinido “uma”, no sentido de demonstrar que existem outras possibilidades de se construir histórias da literatura³. Sabemos que qualquer história escrita será sempre parcial ou fragmentária, no sentido de não ser capaz de gerar um relato totalizante. Ou seja, uma única história é impossível.

Levando isso em consideração, posso seguir para a segunda colocação. Se pensarmos nas diferentes culturas existentes em espaços diversos e que formam⁴ diferentes públicos leitores ao redor do mundo, teremos diferentes concretizações ou atualizações do comunicado potencialmente contido num dado texto, ao mesmo tempo, em lugares diferentes. Ou seja, um mesmo texto poderá ser lido de uma forma no Brasil, de outra forma na Inglaterra, de uma outra forma em Moçambique, *ad infinitum*⁵. Não seria possível tentar organizar uma história que contemplasse todas essas possíveis leituras. Então, poderíamos nos utilizar de alguns pressupostos da micro-história, analisando leituras realizadas em espaços menores, espaços determinados, que pudessem ser abarcados pelo pesquisador.

³ Isso já é reconhecido por alguns editores de histórias da literatura, como Denis Hollier, editor de *A New History of French Literature (Uma nova história da literatura francesa)* e David Wellbery, editor de *A New History of German Literature (Uma nova história da literatura alemã)*.

⁴ Devo salientar que não tenho uma visão determinista sobre a formação do leitor. Sei que não é apenas sua cultura que forma o leitor, mas que o leitor também transforma sua cultura, numa relação dialógica.

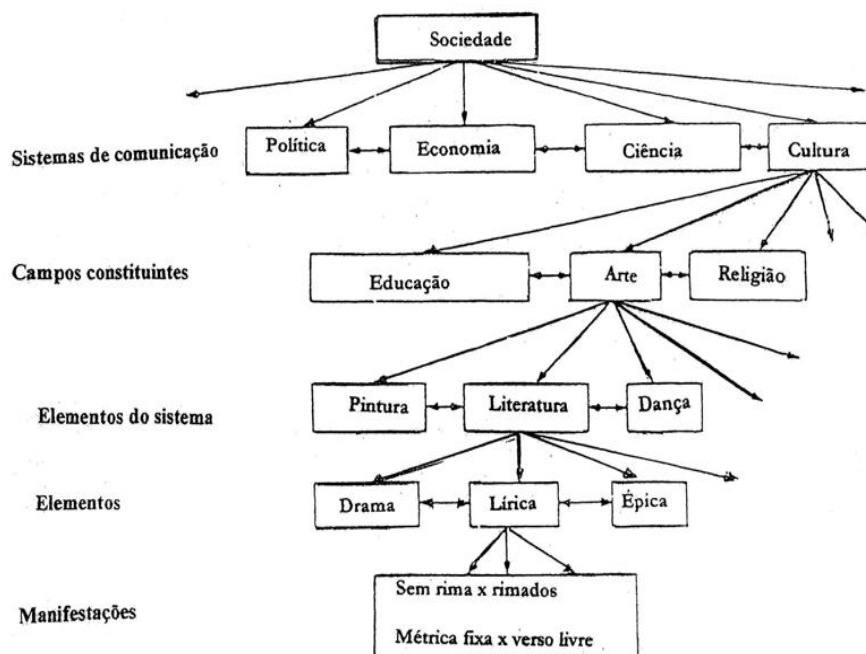
⁵ Há de se reconhecer que os espaços citados acima são muito abrangentes. Por isso, creio que objeções poderiam ser levantadas, visto que um lugar como o Brasil, apenas para me centrar em um exemplo, é cheio de complexidades. Poder-se-ia argumentar que existem vários “Brasis”, se considerarmos suas diferentes regiões, assim como as classes sociais existentes, entre outros fatores. Poder-se-ia argumentar o mesmo para os outros países aqui mencionados. No entanto, tais espaços são apenas citados como exemplos, para demonstrar a heterogeneidade de leituras que são possíveis de ocorrer sincronicamente. Em seção posterior deste artigo, abordarei o conceito de micro-história, noção esta que traz soluções para alguns problemas do projeto historiográfico, sendo uma delas o de realizar um estudo histórico dentro de espaços mais circunscritos.

Outro fator a ser contemplado é o conceito de **horizonte de expectativas**. Apesar de defini-lo, e de apontar como possivelmente poderíamos reconstruí-lo, Jauss não nos dá ferramentas para que possamos concebê-lo de forma concreta ao escrevermos uma história da literatura. Creio que Schmidt tenha oferecido algumas soluções quanto a esse problema, quando se remete ao que chama de ações literárias.

Tendo isso em vista, pretendo, neste artigo, oferecer uma espécie de adendo à proposta de Hans Robert Jauss, seguindo pelos caminhos abertos por Siegfried Schmidt em sua proposta por uma Ciência da Literatura Empírica. O que proponho é discutir a possibilidade de se fazer uma história da literatura baseada em leituras realizadas em espaços circunscritos e determinados. Para isso, dividirei o trabalho em mais duas partes. Na próxima, apresentarei meus pressupostos, discutirei o problema acima levantado sobre o horizonte de expectativas, e apontarei alguns instrumentos para que tal horizonte possa ser mais concretamente determinado. Depois, apresentarei a noção de micro-história e como a mesma pode ser utilizada na historiografia da literatura, para, então, mostrar alguns dos ganhos que acredito que a história da literatura possa ter com minha proposta.

O sistema literatura e o horizonte de expectativas

A Ciência da Literatura Empírica, proposta de Siegfried Schmidt, concebe a literatura como um sistema de ações comunicativas pertencente a um sistema geral denominado sociedade. A sociedade, por sua vez, seria um sistema complexo de ações comunicativas, sistema este formado por diferentes conjuntos ou subsistemas, tais como os sistemas político, econômico, científico, e cultural, entre outros. Estes subsistemas se estruturam a partir das relações de outros subconjuntos que contém, que, por sua vez, se estruturam a partir das relações de seus elementos, e assim por diante. Todos os elementos que formam o sistema sociedade se encontram em constante interação, alterando a configuração tanto das partes quanto do todo. Em suma, o sistema social global funciona como conjunto totalizante, que contém outros subconjuntos que se interrelacionam. Tal processo se repete em todos os níveis. Para que possamos melhor visualizar tal funcionamento, é necessário me reportar à seguinte figura:



(SCHMIDT *apud* FIGUEIREDO, 2006, p. 56)

Para ilustrar o funcionamento do sistema acional sociedade, ofereço um exemplo. O sistema cultura é um subsistema do sistema sociedade. O sistema cultura interage com outros subsistemas que a constituem, sendo alguns destes os subsistemas religião, arte e educação. Dentro do subsistema artístico, que pertence ao sistema cultura, encontramos outros subsistemas, como o da pintura, o da dança, e o da literatura, e assim sucessivamente. Porém, um sistema não interage somente com os subsistemas que o constituem, mas com outros sistemas. Por exemplo, o subsistema literatura pode interagir com o subsistema pintura, mas pode também interagir indiretamente com o sistema religião, quando este último interage com o sistema arte. O que quero demonstrar é que economia, política, religião, ou seja, quaisquer sistemas pertencentes ao sistema global sociedade podem interagir e influenciar o sistema literatura. São, portanto, inúmeras instâncias que levam um objeto a ser concebido como artístico ou não, literário ou não.

Ao levarmos toda essa complexidade em consideração, creio que, para escrever uma história da literatura, todo o domínio do sistema acional literatura deva ser abordado. Este sistema de ações literárias é formado pelo conjunto das ações que se referem a textos considerados literários pelos indivíduos que participam nestas ações. Tais ações podem ser concebidas a partir de quatro momentos distintos, sendo estas a produção, a mediação, a recepção, e o processamento. O momento de produção envolve ações pelas quais um produto é criado, sendo que o mesmo é considerado pelo produtor como literário. A mediação abarca ações pelas quais um produto se torna acessível a outros agentes. Neste momento incluem-se a distribuição do texto, assim como as estratégias de *marketing* utilizadas para trazê-lo ao conhecimento do público. A recepção envolve ações pelas quais um produto é apropriado pelos agentes que lhe atribuem sentido, ou seja, pelo leitor. Por último, temos o processamento, que diz respeito a ações posteriores à recepção, como a análise crítica, por exemplo.

Para compreendermos o funcionamento e a complexidade do sistema, ofereço alguns exemplos. As ações de recepção interagem com ações de produção no momento de leitura, atribuindo sentido ao texto. Mas o campo acional da recepção também interage com o campo da mediação, visto que a leitura de uma obra é influenciada pela mediação da mesma. As ações de processamento literário, por sua vez, levam em consideração todos os outros momentos acima mencionados, já que tal momento se refere basicamente a apreciações críticas e estudos acadêmicos. Uma crítica positiva por parte de um especialista pode gerar expectativas diferentes no leitor. Assim, o campo acional do processamento interfere nas ações de mediação, que, por sua vez, interferem nas ações de recepção. Ações de processamento podem também interferir no próprio campo acional de produção literária, quando, a partir de uma crítica, um autor decide rever certos elementos em sua escrita, ao contemplar o início de um novo projeto. Tais interações entre essas diversas ações literárias são denominadas de **processos literários**.

De acordo com Schmidt, dos processos acima descritos, um dos mais importantes para um projeto historiográfico da literatura seria o segundo, i.e. as ações de mediação (SCHMIDT, 1996, p. 124-125). Por que o teórico afirma isso? É o processo de ações de mediação que nos ajudaria a compreender mais concretamente o **horizonte de expectativas**. As expectativas do público leitor sobre

um dado texto literário são construídas a partir das regras literárias internalizadas por tal grupo e também pelas ações de mediação através das quais um novo romance, por exemplo, é apresentado. Mas, como dito anteriormente, as ações de mediação literária são influenciadas por ações de processamento literário, visto que a crítica especializada e a crítica acadêmica podem vir a influenciar no processo de mediação de uma obra, e, portanto, em sua recepção.

Ao pensar no público leitor que Jauss parece ter em mente, imagino leitores acadêmicos, grupo este cuja leitura de um determinado texto foi influenciada não apenas por estratégias midiáticas, mas também por críticas literárias e, principalmente, por teorias literárias. Chego aqui a um ponto que considero crucial no desenvolvimento de minha proposta. Como Jauss nos explica, se alguém se propõe a traçar uma história da literatura a partir de recepções de textos literários este alguém deve traçar o horizonte de expectativas que gera essas recepções. A meu ver, isso deve ser feito levando em consideração as teorias literárias que formaram o horizonte dos leitores de uma determinada época e informaram suas respostas a um dado texto. Em suma, o historiador da literatura deveria realizar um estudo sobre as mudanças paradigmáticas ocorridas no campo da teoria literária, de que forma essas mudanças geraram novas recepções de textos antigos e como influenciaram novas ações de produção literária. Ou seja, o historiador da literatura deveria construir uma espécie de história da teoria literária e das interações ou ações que as várias teorias que surgiram efetuaram dentro do sistema literatura.

Mas, como realizar tal projeto? Como saber de que forma novas teorias literárias produziram novas expectativas ao público leitor? Antecipo que minha resposta a tais questões tem um escopo um tanto limitado, principalmente se considerarmos o aspecto temporal que pode ser abarcado pelos instrumentos que tenho em mente. Os documentos em que penso propor utilizar como instrumentos para a construção de uma história da literatura baseada na questão da recepção são os documentos produzidos na academia, ou seja, teses, dissertações e textos diversos, escritos por professores e alunos de cursos de pós-graduação em literatura. Geralmente, esses textos apontam de forma clara os pressupostos teóricos utilizados por seus autores. São justamente estes pressupostos que compõem os horizontes de expectativas que informaram as leituras realizadas em tais trabalhos. Tendo estes pressupostos bem delineados, o historiador da literatura

não somente conseguiria definir o horizonte de expectativas de uma determinada pesquisa, como também a atualização realizada, visto que o texto acadêmico geralmente apresenta, de forma relativamente clara, o resultado da leitura proposta pelo pesquisador. Além disso, o *corpus* abordado em textos acadêmicos aponta as manifestações literárias que tiveram importância num determinado momento. Se até hoje nos deparamos com pesquisas sobre Machado de Assis nos cursos de pós-graduação em Letras das universidades brasileiras, para citar apenas um exemplo, é porque tal autor continua sendo de suma importância numa história de recepções da literatura brasileira.

No entanto, como disse anteriormente, pensar em construir uma história totalizante seria um equívoco. Se utilizarmos a proposta acima delineada, a de construirmos uma história da recepção de textos literários a partir dos pressupostos teóricos utilizados em textos acadêmicos, o *corpus* poderia ser absurdamente extenso. Como então estabelecer um *corpus* que seja possível de ser abarcado pelo pesquisador? Para responder tal questão, me utilizarei daquilo que se conhece como micro-história, na próxima seção deste trabalho, onde também mostrarei os ganhos que minha proposta pode trazer.

Proposta por uma micro-história de recepções literárias e seus ganhos

Giovanni Levi define a micro-história como uma prática que é “essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (LEVI, 1992, p. 136). Ele continua, explicando que ela pode nos revelar fatores que foram antes ignorados, fatores estes que só percebemos quando olhamos para a história numa escala diminuta (*ibidem*, p. 139). Além disso, Levi afirma que o procedimento deste tipo específico de história “toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como um caso típico) (...), identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico” (*ibidem*, p. 154).

A micro-história seria, então, um procedimento de historicização que se centra no pormenor, e, por isso, leva em consideração a heterogeneidade de um mesmo momento histórico. Além disso, a observação em pequena escala, proposta

pela micro-história, pode ser vista como uma estratégia que traz detalhes normalmente ignorados pelo pesquisador que aborda o passado através de uma escala maior, lhe possibilitando observar a história por outros prismas. Um dado momento histórico que é construído através dos pressupostos da micro-história não se configura como algo homogêneo, mas sim como um momento em que existe diversidade. Ao aceitar a presença de elementos heterogêneos num relato histórico, o historiador contribui com a complexificação do conhecimento histórico, ao invés de reduzir a história a leis gerais. Isso faz com que Levi diga que a micro-história se ocupa em compreender como o conhecimento do passado é construído (idem), pois tal proposta aceita a possibilidade de diferentes construções para um mesmo momento passado.

Se o historiador da literatura utilizar o conceito de micro-história ao construir uma história da recepção de textos literários através da análise de pressupostos teóricos que informam a leitura acadêmica, ele deverá definir como seu escopo os textos acadêmicos produzidos por professores e alunos de cursos de pós-graduação em Letras de uma mesma instituição. Por exemplo, um historiador poderia escrever uma história da recepção de textos literários a partir dos pressupostos utilizados na PUC-Rio, ou na UERJ, ou na UFRJ⁶. Com isso, o historiador poderia compreender como o horizonte de expectativas em um espaço delimitado se modificou com o tempo, de que forma novas teorias literárias se cristalizaram em tal espaço, como as modificações trazidas por essas novas teorias influenciaram as recepções realizadas nesse espaço, que obras tiveram importância para os leitores que compartilhavam deste mesmo horizonte, em que épocas tais obras tiveram importância, e as razões delas terem desfrutado dessa importância. Além disso, o historiador seria capaz de comparar projetos existentes em diferentes universidades, e enxergar que os pressupostos teóricos utilizados nem sempre convergem, mostrando, assim, a heterogeneidade de atualizações realizadas. Pela minha experiência pessoal, posso dizer que UERJ e PUC-Rio são diferentes em suas concepções sobre estudos literários, por exemplo. Portanto, sei que a recepção de um dado texto no primeiro espaço citado seria potencialmente diferente de sua recepção no segundo espaço.

⁶ Cito estas universidades porque tive contato mais próximo com as mesmas.

Mas, quais seriam os ganhos dessa proposta? Por que alguém se interessaria em ler uma história das recepções de textos literários realizadas num dado espaço universitário? Primeiramente, devo dizer que o leitor que imagino lendo este tipo de história que propus é justamente um pesquisador acadêmico, não um leitor qualquer. Este pesquisador que tenho em mente é não apenas o profissional que tem uma carreira já bem estabelecida, mas, também, o pesquisador em início de carreira, o que inclui alunos de programas de pós-graduação.

Partindo deste pressuposto, eu diria que o primeiro ganho da proposta seria dar ao pesquisador supracitado a possibilidade de enxergar mais claramente as rupturas, descontinuidades e continuidades de pressupostos teóricos utilizados numa determinada instituição. Isso lhe facilitaria a balizar suas propostas para novas pesquisas, já que tal pesquisador entenderia melhor o horizonte de expectativas existente na instituição onde intenta realizar seu trabalho.

Como dito anteriormente, a micro-história concebe um dado momento histórico como um conjunto de elementos heterogêneos. Ao diminuir sua escala de observação, o historiador da literatura que seguisse o que foi aqui proposto poderia mostrar até que ponto o horizonte de expectativas de uma dada instituição pode ser concebido como homogêneo ou heterogêneo, visto que certa ruptura em determinado momento pode ter gerado desdobramentos diversos, apontando para diferentes e novos horizontes. Existem instituições que apresentam, em um mesmo departamento, não apenas linhas de pesquisa diferentes, mas até pressupostos variados. Isto poderia apontar que instituições potencialmente dariam maior liberdade ao pesquisador e que instituições potencialmente – não necessariamente, é preciso dizer – coibiriam o trabalho a ser realizado em determinadas propostas de pesquisa.

Outro ganho imenso, a meu ver, seria o de mostrar de forma mais concreta o funcionamento do sistema acional literatura no contexto circunscrito por esta proposta. Como nos explica Levi, quando se refere a Revel, a micro-história seria uma “tentativa de estudar o social, não como um objeto investido de propriedades inerentes, mas como um conjunto de inter-relacionamentos deslocados existentes entre configurações constantemente em adaptação” (ibidem, p. 160). Assim, uma história da literatura feita nos moldes que proponho poderia mostrar mais concretamente a complexidade das relações existentes no sistema literatura, e

como essas relações ocorrem no meio acadêmico. Um desdobramento importante relacionado a este ganho seria poder entender como se efetuam ou se efetuaram processos de consolidação de certas teorias literárias em determinados espaços acadêmicos.

Se pensarmos nas relações sociais que a micro-história abarca, outro desdobramento importante surgiria. Seria plausível procurar traçar as possíveis relações existentes entre a consolidação de pressupostos teóricos no meio acadêmico e os processos de mediação do mercado literário. Isso daria ao pesquisador a oportunidade de compreender, de forma mais concreta, como estes dois processos, a mediação e o processamento literários, influenciam um ao outro. Levando isso em consideração, poderíamos realizar estudos comparativos, que enfocassem instituições diferentes, o que nos daria a chance de traçar épocas em que uma dada instituição possa ter sido mais influente, e entender as razões pelas quais tal influência diminuiu. Isso nos daria a chance de ligar as ações desenvolvidas na academia a interações que se dão num espaço mais amplo, a sociedade.

Depois de demonstrar tais ganhos, devo reconhecer que a proposta é um tanto ambiciosa. Porém, creio que este exercício possa gerar resultados interessantes em nossa área, já que poderíamos visualizar melhor o funcionamento de uma parte específica do sistema literatura. Além disso, creio que minha proposta traria maior transparência ética ao mundo acadêmico, ao apontar de forma mais concreta os pressupostos teóricos utilizados em tal meio, o que ajudaria o pesquisador a melhor compreender o funcionamento do universo em que atua. A meu ver, esse desdobramento não é apenas positivo, mas necessário.

Referências

FIGUEIREDO, R. M. B. Ciência Empírica da Literatura. In: **Uma teoria literária em expansão**. 2006. 130 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: estudos de literatura) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1996.

LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

OLINTO, H. K. (org.). **Ciência da Literatura Empírica: uma alternativa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

REIS, J. C. Da história global à história em migalhas: o que se ganha, o que se perde?. In: **História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SCHMIDT, S. J. Sobre a escrita de histórias da literatura: observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, H. K. (org.). **Histórias de Literatura: as novas teorias alemãs**. São Paulo: Ática, 1996.